

Las teorías salvajes: da modernidade sólida ao capitalismo nerd

Mario René Rodríguez Torres¹

O ponto de partida deste ensaio é a seguinte pergunta: o que nos diz *Las teorías salvajes* sobre nossa modernidade líquida? *Las teorías salvajes* é o romance de estreia de Pola Oloixarac, uma jovem escritora argentina que desde a publicação desse romance, em 2010, tem-se convertido em uma espécie de nova estrela da literatura latino-americana, incluído o Brasil². A pergunta tem duas motivações. A primeira é que um dos temas do romance é o das diferenças entre a Argentina das décadas de 60 e 70 e a Argentina de fins do século XX e começo do XXI. O seja, nos termos de Zygmunt Bauman, as diferenças entre as gerações que cresceram na modernidade líquida e as gerações anteriores, que lutaram por uma mudança na modernidade sólida no referido país. É claro que a passagem de uma a outra modernidade na Argentina, assim como na América Latina como um todo, tem algumas características particulares que é preciso não esquecer ao adotar a terminologia proposta por Bauman a partir, sobretudo, dos países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Por isso a pergunta aqui não é o que nos diz *Las teorías salvajes* sobre a modernidade líquida, mas o que nos diz *Las teorías salvajes* sobre nossa modernidade líquida. A segunda razão desta pergunta é que Pola Oloixarac –a meu ver– escreve muito ciente e deliberadamente a partir dessa modernidade, e sua posição no cenário literário pode ser considerada reveladora do lugar que ocupa o escritor hoje.

Las teorías salvajes começa com a história dos pais de uma das protagonistas, a pequena Kamtchowsky, nascida durante “*los años de plomo*” (2010, p.12)³, isto é, nos anos da ditadura na Argentina (1976-1983). O pai de Kamtchowsky, Rodolfo, é descrito como um descendente de polacos radicados em Rosario. Rodolfo mora lá com suas tias até que, por suas grandes habilidades no pensamento abstrato, é enviado a estudar em Buenos Aires, onde “*entró en la escuela técnica Otto Krause y más tarde se recibió de ingeniero en tiempo récord*” (p. 14). Rodolfo “*pertenecía a la primera generación de clase media en lanzarse más o menos masivamente al mercado de las carreras universitarias*” (p. 16). Este dado, assim como o da sua escolha profissional (a engenharia), indica que Rodolfo participa do processo de

¹ Doutorando no programa de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Intelectuais tão reconhecidos como Beatriz Sarlo, Ricardo Piglia, Alan Pauls ou Daniel Link. têm feito comentários sobre *Las teorías salvajes*. No Brasil, Pola Oloixarac foi denominada a “musa da flip 2011”. Veja-se a respeito, por exemplo, <http://oglobo.globo.com/cultura/musa-da-flip-2011-pola-oloixarac-comenta-titulo-cria-metaforas-complexas-2872324>. Última consulta 5 de setembro de 2012.

³ Todas as citações em espanhol foram colocadas em letra cursiva para facilitar a leitura do trabalho.

modernização que se vive na América Latina na década de sessenta. Porém, Rodolfo não faz parte do grupo de jovens que então reclamava maiores liberdades; isto fica claro quando lemos a descrição de sua identidade e comportamento sexual:

Pronto se volvería evidente que el destino y la opción intelectual habían hecho de Rodolfo un elemento forzosamente fiel, monógamo y heterosexual. Era natural que apenas la Providencia le acercara una mujer (una perteneciente al conjunto “Chicas”), Rodolfo se aferraría a ella como ciertos moluscos nadadores viajan por el océano hasta que clavan su apéndice muscular en el sedimento como un hacha.(p. 14).

Um sujeito monógamo e heterossexual que se aferra a sua mulher como um molusco a um sedimento marinho; dificilmente se achará no romance outra imagem que remeta com tanta clareza ao que Zigmunt Bauman denomina modernidade sólida. Bauman é de utilidade aqui para compreender os vínculos entre as escolhas sexuais de Rodolfo e o capitalismo fordista, a forma predominante do capitalismo na modernidade sólida.

O capitalismo fordista pode ser descrito com palavras como planejamento, controle, sistematicidade e mecanicidade; é por isso que Bauman fala de solidez⁴. No seu livro *Modernidade líquida*, Bauman afirma que no período em que o capitalismo fordista é predominante, esses parâmetros definem a organização do trabalho, mas também as outras formas de organização social. Um exemplo disto é oferecido por Ken Robinson quem assinala as semelhanças entre a organização das escolas tradicionais e as fábricas: as crianças deviam vestir fardas, eram divididas segundo a idade e o sexo, e deviam fazer o que o professor ordenasse⁵. Como diz Bauman, por ser uma forma de administração do trabalho, o capitalismo fordista é mais do que isso, ele é: “um local de construção epistemológica sobre o qual se erige toda uma visão do mundo” (2001, p. 68), porque “o modo como os seres humanos entendem o mundo tende a ser sempre *praxeomórfico*: é sempre determinado pelo know-how do dia, pelo que as pessoas podem fazer e pelo modo como usualmente o fazem” (p. 68).

Por isso, o capitalismo fordista implica também uma definição estrita dos papéis no âmbito familiar e sexual. Na economia sexual fordista, a monogamia e a heterossexualidade são as formas mais produtivas. Rodolfo, como homem da modernidade sólida, aposta nestas formas e prefere a estabilidade à especulação, como bem o indica a imagem do molusco aferrado ao

⁴ Cabe lembrar que uma característica da modernidade (sem mais) é que nela “tudo o que era sólido desmancha no ar”, segundo assinalou Marx. Visto desde a aceleração vertiginosa de hoje é que a modernidade do fordismo parece sólida.

⁵ Esta colocação é feita por Robinson na sua palestra “Mudando os paradigmas educacionais”, disponível no site: http://www.youtube.com/watch?v=EDLp6_5vCM8&feature=related. Última consulta 5 de setembro de 2012.

sedimento marinho. Essa postura explica também seu desdém pelas “improdutivas” teorias sexuais e sociais de que lhe fala sua mulher:

Cuando ella le contó del mito edípico, la vagina dentada de Juanito y la mamá-auto de Melanie Klein, Rodolfo hizo lo posible por disimular su sorpresa; la escrutaba intentando adivinar, bajo el rímel y la sombra, a esa selecta multitud letrada que se tomaba en serio esas gansadas. Con todo, le parecía entendible que entre el noviazgo y la militancia a ella no le quedase tiempo para estudiar una carrera de verdad. (p. 16).

A mãe da pequena Kamtchowsky e esposa de Rodolfo é uma das tantas mulheres que se formam em psicologia no fim dos anos 60 na Argentina. Ela faz psicologia nos anos em que o peronismo chega ao poder e estabelece “*un plan de estudios inclinado hacia las variedades de la doctrina marxista*” (p. 16). Se Rodolfo representa o homem do fordismo ou da modernidade sólida, sua mulher representa a juventude que no final da década de 60 pede uma sociedade mais igualitária e livre, com uma figura paterna menos autoritária. Entretanto, a personagem mais representativa nesse último sentido é a tia da pequena Kamtchowsky, cunhada de Rodolfo, uma militante do comunismo maoísta que escreve um diário em forma de cartas a Mao e que morrerá assassinada.

Como era de se esperar, nas cartas aparece o tema da revolução social, mas, curiosamente, elas se centram em um único aspecto desta: a questão da revolução amorosa. As cartas são, na verdade, um diário tanto revolucionário quanto sentimental. Ironicamente, nelas não é descrito o paraíso prometido do fim da família nuclear burguesa, mas a impossibilidade que sente a militante de lidar com o comportamento sexual livre de seu namorado, a quem identifica como “L”:

Estamos en días jodidos, Moo, negros. En lo personal y en lo político. Las cosas con L no van bien y cada vez nos cuesta más acercarnos. Me parece además que está viéndose con una mina. Yo sé que nuestra relación es libre, es abierta, pero me siento una hipócrita. Porque yo nunca le pedí que fuéramos como esas parejitas burguesas, más bien lo contrario. Siempre lo apoyé en su militancia contra los valores putrefactos de la sociedad. Los dos rechazamos la represión de la burguesía y elegimos un camino nuevo, irreductible y luminoso, aunque lleno de espinas. Y yo sé que si no me lo puedo bancar, chau, lo que tengo que hacer es salirme del medio y se terminó. Pero no puedo, Moo. (p. 29).

O que revelam as cartas da militante é ansiedade, isto é, aquilo que será, nos anos vindouros, o maior sintoma de mal-estar na modernidade líquida, quando as “relações livres” e “abertas” deixam de ser excepcionais e passam a ser predominantes, ainda que já desvinculadas de um projeto de revolução social, ponto sobre o qual voltarei mais adiante.

Como já se disse, em *Las teorías salvajes* se estabelece um contraste entre a juventude das décadas de 60 e 70 e a das gerações posteriores, que cresceram no predomínio da modernidade líquida na Argentina, nossa atual forma de modernidade. A pequena Kamtchowsky é uma representante dessas novas gerações. De novo aqui, no romance, o retrato da geração é feito a partir da forma como os sujeitos se relacionam com o sexo. Kamtchowsky vai a uma escola em que o sexo não é mais um tabu, mas um tema de que se deve falar obrigatoriamente (na modernidade líquida o segredo é proibido): “*Desde los once años, Kamtchowsky participaba en charlas donde las maestras se preocupaban por qué pasaba con la masturbación y si a los chicos ya les salía lechita: las clases eran mixtas y todo el mundo se divertía*” (p. 26).

Ao mencionar que “*todo el mundo se divertía*”, o romance chama nossa atenção, com sua costumeira ironia, para um dos pilares da pedagogia moderna: o “lúdico”. O lúdico vira fundamental em uma escola que se esforça por afastar-se do modelo repressivo e maquinal da modernidade fordista. Mas se a escola da modernidade fordista era monstruosa (com seus professores que impunham castigos brutais nos alunos), a escola da modernidade líquida não o é menos. *Las teorías salvajes* nos mostra que se os professores já não aterrorizam, agora o fazem os alunos ante a impotência de professores que se sentem culpados de exercer a autoridade:

La figura del castigo era programáticamente elusiva; como si se tratara de un siniestro gas que obstruyera la oxigenación de los alveolos pulmonares, era justamente su ausencia lo que permitía a todos respirar en clase [...] Una docente cometió el error de provocar a un chico: «A ver, si te gusta tanto hablar de tu pitulín por qué no venís al frente y nos lo mostrás». El chico aprovechó para mear en la cara a una compañerita cuya risita curiosa mutó en una expresión de horror.(p. 27).

O episódio caricato do estudante que mijava em sala de aula questiona a capacidade da escola hoje para formar cidadãos, uma de suas funções tradicionais. O romance leva a perguntar: o que molda o comportamento dos estudantes quando já não o faz a escola? A este respeito, Beatriz Sarlo fazia o seguinte comentário alguns anos atrás: “Na maioria dos países da América Latina, a escola pública é hoje o lugar da pobreza simbólica, onde professores, currículos e meios materiais concorrem em condições de muita provável derrota com os meios de massa, que são de acesso gratuito ou moderadamente custoso e abarcam todos os territórios nacionais”. (p. 112).

Ao desenhar o quadro dos universitários dos últimos anos, o romance brinca claramente com essa dupla formação dos estudantes: tanto pelos meios massivos como pelo ensino acadêmico formal. Veja-se, por exemplo, os nomes que usa a narradora para catalogar os volumes de sua biblioteca. Eles são produto da hibridação de nomes de filmes comerciais de

Hollywood com nomes de livros de filosofia: “*Frenesí hobbesiano, Sueño de una noche de ingeniería social, Locademia positivista*”. (p. 88).

Las Teorias salvajes em sua totalidade pode ser considerado um produto híbrido deste tipo, em que não é possível distinguir onde termina a indústria cultural e começa a cultura acadêmica (parte da antes chamada alta cultura). Pola Oloixarac, que estudou filosofia na Universidade de Buenos Aires, indica assim algo que todo aquele que pertence ao mundo acadêmico de hoje intui: a indústria cultural e a academia cada vez se parecem mais. Hoje a academia como a indústria cultural é uma grande produtora e consumidora de informação, isto é, de uma boa quantidade de produtos descartáveis. Néstor García Canclini, quem –como é sabido– propôs o termo “hibridação” para “nomear não só as combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também a de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos ou pós-modernos” (2008, p. XXIX), ajuda-nos a compreender o fenômeno. Canclini lembra que o processo de modernização é o responsável pela aproximação das esferas da cultura antes separadas, e que essa aproximação obedece à expansão da economia de mercado, hoje já globalizada:

La modernización disminuye el papel de lo culto y lo popular tradicionales en el conjunto del mercado simbólico, pero no los suprime. Reubica el arte y el folclore, el saber académico, y la cultura industrializada, bajo condiciones relativamente semejantes. El trabajo del artista y el del artesano se aproximan cuando cada uno experimenta que el orden simbólico específico en que se movía es ahora redefinido por la lógica del mercado. Cada vez pueden sustraerse menos a la información y a las iconografías modernas, al desencantamiento de sus mundos autocentrados y al reencantamiento que propicia la espectacularización de los medios (1990, p.18).

Se bem Canclini fala da espetacularização dos meios, ele não acha que a influência deles seja necessariamente negativa. Na verdade, o problema com os meios de comunicação atuais não são propriamente eles. Os meios como qualquer outra ferramenta não têm um valor intrínseco. O problema, como diz Claudia Kosak, citando Deleuze, é que “*las herramientas presuponen siempre una máquina, y la máquina antes de ser técnica, siempre es una máquina social*”⁶.

Na atualidade, os avanços técnicos nos fazem sentir que o que experimentamos como virtual pode ser real e o que experimentamos como real pode ser virtual. Em outras palavras, a “realidade” nos parece tão maléavel e adaptável quanto um universo criado por computador⁷. Essa é uma das principais mensagens da mídia. Uma mensagem que poderia parecer um simples

⁶ Cito o artigo de Kosak, “Técnica y poética. Genealogías teóricas, práctica críticas”, disponível em <http://ludion.com.ar/articulos.php?tipo=articulo>. Última consulta 5 de setembro de 2012.

⁷ A este respeito, veja-se o artigo de Wolfgang Welsch “Estetização e estetização profunda”. Em *Porto Alegre*. Porto Alegre, v.6, n.9, p. 7 -22.

testemunho da época, mas que, na verdade, serve a maquinaria social do consumismo. Segundo Bauman, “a história do consumismo é a história da quebra e descarte de sucessivos obstáculos ‘sólidos’ que limitam o voo livre da fantasia e reduzem o ‘princípio do prazer’ ao tamanho ditado pelo princípio da realidade” (p. 89). Hoje, a mensagem dos meios é que não há mais um limite, que tudo é possível, e como tudo é possível, não devemos nos poupar de experimentar nada. Na modernidade líquida, a mídia funciona como uma grande criadora de desejo que impede que nos poupemos de experimentar qualquer novidade.

A ideia anterior nos leva de volta a *Las teorías salvajes* e, em particular, ao episódio em que a bela Mara e o belo Andy exprimem seu desejo de ter experiências sexuais com a feia Kamtchowsky e seu feio namorado Pabst. À pergunta de Kamtchowsky “¿por qué se quieren acostar con nosotros?” (p. 77), Mara responde: “Buena, qué se yo, ¿por qué son como nosotros?” (p. 78), mas, na realidade, ela quer dizer, como bem percebe Pabst: porque vocês são feios e ainda não experimentamos como é ter sexo com alguém feio. Isto é, o episódio exemplifica o imperativo atual de que tudo deve ser experimentado e também que hoje tudo é possível, até que os belos queiram ter relacionamentos sexuais com os feios; o que, ademais, é um exemplo do tipo de democracia de nossa modernidade líquida.

Como se indicou, a lógica implícita aqui é uma lógica de consumo, o que é confirmado quando se compara o sexo praticado por Mara, Andy, Kamtchowsky e Pabst com uma mercadoria: “su sexo tenía la cualidad de un commodity, como los productos de avena o arroz; estaba previsto que alguien debía encargarse de sumarle valor” (p. 90). É pela afinidade atual entre liberdade sexual e liberdade de consumo que já não é possível ver na primeira uma promessa de transformação social como via a militante tia de Kamtchowsky tempos atrás –ainda que já se deparando com problemas–. Como observou Alan Pauls, em uma interpretação afim à aqui proposta, “*As teorías selvagens* reescreve em clave cômica *O novo espírito do capitalismo*, de Luc Boltanski, em especial a tese segundo a qual a grande força do capitalismo consiste em interiorizar as críticas que recebe de seus inimigos”⁸. A tese de Boltanski concorda com a opinião de Fredric Jameson segundo o qual o pós-modernismo, isto é, a manifestação cultural da globalização ou capitalismo tardio (e, portanto, do que Bauman chama modernidade líquida), pode ser definido como o momento em que aquilo que era transgressor na modernidade clássica vira norma, o que para o crítico aconteceria desde princípios dos anos 60 (1985, p. 25-26).

Ao incorporar toda transgressão, o capitalismo da modernidade líquida transmite a ideia de que tudo nele pode ser mudado, assim ele próprio consegue permanecer inalterado. Como diz

⁸ O artigo de Pauls, “terrorismo voluptuoso”, está disponível no site <http://melpomenemag.blogspot.com/2011/05/terrorismo-voluptuoso.html>. Última consulta 5 de setembro de 2012.

Bauman: “tudo numa sociedade de consumo é uma questão de escolha, exceto a compulsão da escolha” (p. 87). Na visão de Zizek, aos reclamos dos jovens dos 60 por maior liberdade, o capitalismo respondeu acedendo, com o que se converteu naquele pai permissivo que obtém uma submissão maior⁹. Apesar de ser convincente, é preciso matizar essa afirmação ao aplicá-la à América Latina, devido a algumas características específicas da história de nossos países.

Como se disse no início, a pequena Kamtchowsky nasceu em “*los años de plomo*” (p. 12). Depois da década de 60, na Argentina e nos demais países do Cone Sul temos as ditaduras; isto é, aqui antes do pai mais permissivo tivemos um pai ainda mais autoritário. A situação do Cone Sul é análoga à de outros países na América Latina. Em 68, no México, por exemplo, teve lugar o massacre de estudantes de Tlatelolco, acontecido sob o governo do partido que permaneceu no poder durante quase a totalidade do século XX, o Partido Institucional Revolucionário (PRI). Tal permanência ocorreu sem que o México deixasse de ser – oficialmente – democrático, daí que Vargas Llosa fale de uma ditadura perfeita¹⁰. Por sua vez, na Colômbia, um país de tradições democráticas como o México, em 68 estávamos no “Frente Nacional”, o pacto que fizeram os dois partidos tradicionais para se alternarem no poder e que fechou a porta a qualquer proposta política alternativa.

A década da liberação foi para nós, portanto, menos 60 ou 70 do que a década de 90 quando entramos na abertura social e económica, isto é, no neoliberalismo pleno, a mais alta expressão da modernidade líquida. Contudo, como afirmar que nesse momento verdadeiramente entramos na modernidade líquida quando suspeitamos que jamais entramos verdadeiramente na modernidade? Se sentimos – como escreveu Canclini faz uns anos – que na América Latina “*las tradiciones aún no se han ido y la modernización no acaba de llegar*” (1990, p. 13)? Daí que, como diz o crítico argentino, nos confrontemos com o dilema de como falar de pós-modernidade (ou modernidade líquida) na América Latina se nunca fomos modernos ou então se sempre fomos pós-modernos.

⁹ A este respeito, veja-se o artigo “El ambiguo legado del 68”. Disponível em: <http://www.13t.org/decondicionamiento/forum/viewtopic.php?t=1088>. Última consulta 17 de janeiro de 2012. Zizek segue Lacan no seu artigo, mas a colocação sobre o maior poder coercivo do pai “brando é indulgente” já aparece no *Mal-estar na civilização* de Freud (p. 157).

¹⁰ A declaração de Vargas Llosa foi recolhida pelo jornal *El país*, no artigo “Vargas Llosa: México es la dictadura perfecta”. Disponível em: http://www.elpais.com/articulo/cultura/AZUA/FELIX_DE/TRIAS/EUGENIO/VARGAS_LLOSA/MARIO/MARSE/JUAN/ESCRITOR/PAZ/OCTAVIO/SARAMAGO/elpepicul/19900901elpepicul_1/Tes. Última consulta 5 de setembro de 2012.

Segundo lembra Joel Birman¹¹, Ulrich Beck teria feito uma afirmação semelhante à anterior em uma entrevista no “Caderno Mais” da *Folha de São Paulo*. Beck teria dito que o Brasil sempre viveu em uma sociedade de risco, uma sociedade não regulamentada, e, portanto, conheceria de antemão o mundo globalizado. Ou seja, o Brasil teria vivido sempre na modernidade líquida porque nunca vivenciou completamente uma modernidade sólida. Entre outras coisas, isso quer dizer que o Brasil, como a América Latina em geral, nunca teve o estado de bem-estar dos chamados países desenvolvidos. Mas se isso é verdade, também o é que não se deixaram de dar passos nesse sentido e que em vários de nossos países houve projetos importantes de modernização nacional (de construção de uma modernidade própria)¹². Projetos que se interromperam justamente com a entrada no neoliberalismo em condições desiguais e desfavoráveis, como o comprovaram as crises econômicas que na década de 90 enfrentaram os países que foram nossas potências regionais durante o século XX: a Argentina, o Brasil e o México.

Na última década, no caso da Argentina e do Brasil observou-se um retorno a um certo paternalismo do Estado, pois a crise ensinou que não se podia ser tão líquido. Contudo, com tal retomada –levada adiante por governos de esquerda– não voltou a velha ideia de uma mudança social radical. A aposta atual, mesmo da esquerda, parece ser humanizar o capitalismo. Nas palavras de Žižek:

*Tras la desaparición de la izquierda como fuerza política que pretendía un cambio de sistema social surgió una nueva izquierda, que en Europa se denominó "tercera vía" (con Blair, Schröder y otros). Irónicamente, se basa en lo siguiente: el capitalismo ganó, por eso no nos tenemos que meter con la economía. Recuerdo que en una época se hablaba del socialismo con rostro humano; ellos ofrecen un capitalismo con rostro humano.*¹³

O papel das ditaduras e das outras formas de governo antidemocráticas na América Latina parece ter sido justamente fazer sumir a antiga pretensão de mudança do sistema social. Elas foram bem sucedidas em afugentar o fantasma que rondava a América Latina na década de 60 e 70. Daí que, como afirma Idelber Avelar, não se deva ver uma ruptura entre as ditaduras e o período de abertura social e econômica da década de 90, mas perceber a continuidade, isto é, “*el hecho histórico y contingente de que la instalación epocal del mercado exigió una dictadura*”

¹¹ Em uma palestra organizada pela CPFL Cultura no dia 3 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/12/01/integra-novas-subjetivacoes-e-o-mal-estar-na-contemporaneidade-joel-birman/>. Última consulta 5 de setembro de 2012.

¹² No caso do Brasil, Paulo Nogueira Batista cita alguns desses projetos no seu trabalho “O consenso de Washington e a visão neoliberal dos problemas latino-americanos”.

¹³ Žižek declarou isto em 2003, em uma entrevista para a *Revista Ñ* de Argentina. Disponível em <http://old.clarin.com/suplementos/cultura/2003/11/29/u-666509.htm>. Última consulta 5 de setembro de 2012.

militar” (p. 46). Isso explicaria que nós tivéssemos um pai mais autoritário antes do pai complacente do capitalismo contemporâneo. Parafraseando a expressão de Néstor García Canclini, as ditaduras teriam facilitado nossa passagem das utopias para o mercado.

Las teorías salvajes propõem um paralelo entre dois tipos de herói que oferece outro ângulo de análise daquela passagem. O primeiro tipo de herói é o representado pelo corpulento professor Collazo, intelectual ex-militante da guerrilha “montonera”. Uma noite o professor caminha junto com uma jovem estudante pelos bosques de Palermo e dois assaltantes (pertencentes à plebe urbana) saem a seu encontro. Então, a estudante faz o seguinte retrato de Collazo para tentar dissuadir os ladrões:

Esa persona que tienen enfrente, a la que han faltado al respeto, prácticamente ha dedicado su juventud y su vida por una causa que incluía salvar a villeros indigentes como ustedes. A todos los que no eligieron nacer en el lugar donde nacieron, a todos los que la Providencia trato de entrada como el culo, a sus familias, a sus seres queridos. La patria socialista no fue un mero sueño no más. Fueron años y años de lucha en la clandestinidad, de gente a las puteadas en las calles, de libros que no quería publicar nadie, de agarrarse fuerte la cabeza en el bar La Paz y decir: “!No! !No! Basta, así no va” (p. 154).

Na sua juventude, Collazo foi um líder, no sentido que Bauman dá ao termo, isto é, alguém para quem “nós é o pronome pessoal usado com mais frequência” (p. 78). O que com a modernidade líquida começou a ser questionado do líder foi justamente sua legitimidade para falar “nós”. No caso, por exemplo, é legítimo que o intelectual se apresente como a voz de um setor da população ao qual ele não pertence (ou bem porque nunca pertenceu ou bem porque já não o faz devido a sua formação)? O intelectual não faria que esse “nós” terminasse procurando “fins determinados por outros, de modo determinado por outros” (p. 76)? A suspeita é válida, mesmo se o intelectual está movido pelas melhores intenções porque, como percebe a jovem estudante que acompanha Collazos, não “*bastan las buenas intenciones para ser heróico*” (p. 154). A estudante pensa nisto, depois de observar a reação dos assaltantes (Cacha e Loki) frente a sua defesa de Collazos. As pancadas dos assaltantes exprimem claramente que não se sentem representados por ele:

-¿Sos político vos? ¿Eh, eh? -Lo cacheteó, Collazo trató de esquivar sin suerte-.
Contesta, ¿eh? Ah, ¿no decis nada? Chorro hijo de puta. - Y le empezó a pegar.

-¡No, no! -Yo no salía de mi obstinación-. ¡No es un político! ¡Es sólo un intelectual de izquierda!
Cacha y Loki me miraron, lo miraron, y empezaron a pegarle más fuerte. (154)

Este questionamento do intelectual aponta para a necessidade de uma redefinição da representatividade política. Porém, o que aconteceu com a chegada da modernidade líquida não

foi exatamente isso, mas a “colonização da esfera pública por questões anteriormente classificadas como privadas e inadequadas para a exposição pública” (BAUMAN, 2001, p. 83). Um dos exemplos que oferece Bauman é o do Clinton, de quem se debateu publicamente mais sobre sua vida sexual do que sobre suas reformas sociais. Exemplo análogo ao de Kamtchowsky que vira uma figura pública por seus “sex tapes” que circulam na Internet.

É nesse marco que se produz a substituição do antigo líder pelo conselheiro, um sujeito cujas escolhas de vida individuais servem de exemplo para as outras vidas individuais. Tal exemplo individual é o que oferece o “nerd”, o maior herói de nosso tempo, segundo Pola Oloixarac.

O nerd é aquele sujeito de óculos, fraco e esperto em tecnologia que atingiu o estrelato graças a uma série de comédias americanas da década de oitenta como “*La venganza de los nerds* (1984), *Nerds in Paradise* (1987), *Can’t buy Me Love* (1987) y *High School USA* (1983)” (Oloixarac, p. 255). O que nos mostram esses filmes é como um sujeito oprimido pode aproveitar o conhecimento, não para mudar o mundo, mas para ficar com as garotas desejadas:

La rebeldía del nerd heroico viene a sacudir esta jerarquía estamental (sacudir, de shake, milkshake, shag). El nerd se afirma en su capacidad de productor autorregulado de feromonas y fluidos quebrando la estructura de clases dada; el asalto a los cielos nerds redundo en la obtención del objeto de deseo de la clase poderosa [...] Estas estudiantinas [os filmes antes citados] organizaron la narrativa esencial de la épica onano-emancipatoria, donde conocimiento técnico y opresión inicial avanzan necesariamente hacia el cálido núcleo de la aceptación sexual. (pp. 255-256).

Em um artigo anterior a *Las teorías salvajes*, Oloixarac lembra que a década de 80, em que o nerd vira herói, é a mesma década em que se deu o surgimento dos nerds Bill Gates e Steve Jobs, os grandes nomes de Microsoft e Apple. O significativo desses nomes, diz a autora, é que eles representam o começo de “*una nueva cultura de negocios; en ella, la venganza de los nerds contra el viejo capitalismo es imprimirle el tono afectivo de su propio crecimiento. Pensemos si no en el lema empresarial de Google: Don’t be evil (no seas malo)*”¹⁴. O nerd não só fica com as garotas bonitas, também faz dinheiro e isto de forma “amável”, sem a hostilidade dos antigos donos das empresas (o nerd usa tênis e tem horários flexíveis).

Segundo Oloixarac, divertir-se, desenvolver coisas boas e ganhar dinheiro é a visão dos novos empreendedores informáticos a quem

¹⁴ Esta citação assim como a seguinte é tomada do artigo “El capitalismo nerd y la nueva cultura de negocios”, disponível no blog de Pola Oloixarac: <http://melpomenemag.blogspot.com/2008/11/el-capitalismo-nerd-y-la-nueva-cultura.html>. Última consulta 5 de setembro de 2012.

la web 2.0, la nueva ola de Internet motorizada por el contenido de usuarios, les dio una confianza en el poder de la red que deja atrás las antiguas modas individualistas. La prioridad es conocerse, compartir experiencias y hacer lo que les gusta, y en segundo lugar, ganar buen dinero con eso. No son poses, sino creencias reales. Reina la sensación maravillosa de quienes crean grandes cosas y creen en ellas. No ponen en duda el valor del dinero ni el juego del capitalismo; para ellos, la revolución será monetizada, o no será.

O nerd é o capitalista revolucionário. Em *Las teorías salvajes* se oferece um exemplo do tipo de atos revolucionários dos nerds informáticos no ataque que Kamtchowsky e seus amigos organizam contra Google Earth. Eles substituem as fotos reais da cidade de Buenos Aires por fotos da mesma cidade, mas modificadas por eles ou por outros usuários da rede; “*los puntos principales entrañaban una especie de utopía libertaria basada en la no visibilidad, que señalaba la importancia de la función y fundación del anonimato*” (p. 274). Isto é, o ataque se manifesta contra o poder que têm adquirido sobre nossas vidas as companhias controladoras do maior fluxo de dados na rede, no caso Google. Poder, não está demais lembrar, que essas companhias adquiriram não por meio da coerção, mas da sedução – como facilitam nossa comunicação, nós entregamos todos nossos dados pessoais para eles (isto é muito claro no caso Facebook).

Além de visar questionar o poder de Google sobre nossas vidas, o ataque quer gerar uma reflexão sobre a formação de Buenos Aires e da nação. Daí que as fotos da cidade atual sejam substituídas, em boa medida, por fotos que remetem a acontecimentos importantes da história (“*la yuxtaposición de los tiempos definía una sintaxis espacializada*” [p. 276]). Contudo, essa reflexão é dificultada pela “*anarquía de relatos*”, posto que as fotos de “*La Boca, incendiada durante los carnavales de 1905*” ou do “*Mercado Central, donde seducía Tita Merello, con Borges en su puesto como inspector de conejos*” (p. 269-270) são só duas mais entre o montão de fotos que enviam os usuários. Outro problema deste tipo de ato revolucionário –não mencionado no texto, mas deduzível– é que a participação democrática na construção do novo mapa virtual de Buenos Aires (qualquer usuário da rede pode participar nela), faz perder de vista as desigualdades, isto é, que em realidade não todo mundo pode participar –ou não da mesma forma– na construção da cidade. O espaço virtual se torna assim o espaço da resolução ilusória dos conflitos.

Entende-se, então, por que Pola Oloixarac afirma que os nerds informáticos acreditam que podem fazer grandes coisas sem “*poner en duda el valor del dinero y el juego del capitalismo*”. Não surpreende que, no romance, uma das organizadoras do ataque a Google Earth seja uma artista que cria fotos em que aparece destruída a cidade de Buenos Aires (p. 72). Como diz Jameson: “*parece que hoje é mais fácil imaginar a deterioração total da terra e da natureza do que o colapso do capitalismo tardio*” (1997, p. 10).

O surpreendente do artigo de Oloixarac sobre os nerds é que nele se destaque como uma grande oportunidade para a Argentina o fato de que a indústria do software tenha “*transformado las economías globales*” e que se advogue por um modelo de universidade que procure “*transformar el conocimiento en riqueza y productividad*”; apelo que leva a pergunta final do artigo: “*¿Podrá la Argentina pasar de un modelo productivo del siglo XIX, como el agropecuario, a un modelo de negocios que se integre a la economía del conocimiento?*” A ideia de que é preciso desenvolver software nacional, defendida por Oloixarac, é sensata, mas a forma em que é colocada deixa a impressão de que a escritora compartilha com os nerds a opinião de que o único que pode ser feito hoje é adaptar-se. E da capacidade de adaptação da escritora às condições atuais é ilustrativa a maneira como usa sua imagem para promover sua obra. Pola Oloixarac é tanto uma escritora quanto uma modelo, é uma escritora-modelo. Por isso, quando se lê um artigo sobre ela, tem-se a impressão de estar diante de uma revista de modas. Por exemplo, a seguinte foto acompanha a resenha de *Las teorías selvajes* escrita por Beatriz Sarlo para Perfil.com:

Por Beatriz Sarlo



Oloixarac. El mundo universitario puede convertir a una mujer joven y bella en una monomaniaca.

Que um escritor utilize sua imagem para promover sua obra comercialmente não é novo. Depois de tudo, entre o capitalismo sólido e o capitalismo líquido há algo que permanece: o capitalismo. Mas também é verdade que algumas coisas ficaram mais extremas. Nunca como hoje, os meios audiovisuais foram tão determinantes do valor; o que, me parece, está relacionado com que cada vez haja mais escritores reconhecidamente jovens e bonitos¹⁵ (antes a imagem prototípica do escritor respeitável era a de Borges ou a de Guimarães Rosa). Mesmo entre uma escritora como Clarice (cuja beleza também foi explorada comercialmente) e Pola existem diferenças muito importantes. Para Clarice ainda existia uma divisão entre a figura do escritor e a da conselheira; por isso, assinava com seu nome os livros de literatura e com

¹⁵ No Brasil temos os casos de Ana Paula Maia e Santiago Nazarian.

pseudônimo suas colunas jornalísticas de conselhos para mulheres. Já em Pola se produz uma confusão muito maior entre o público e o privado. Ela não tem problema –muito pelo contrário– em afirmar que escolheu que a capa de seu livro fosse cor-de-rosa porque é a sua cor de biquíni predileta¹⁶.

Como interpretar tais gestos de Pola? Uma possível resposta está nas próprias *Las teorías salvajes*. A narradora do romance, quem nos conta da vida de Kamtchowsky e seus amigos, é uma jovem estudante de filosofia apaixonada por um de seus professores (Augusto) devido aos estudos que ele realiza sobre as teorias do (fictício) antropólogo de começo do século XX, Van Vliet. Um dia que, como de costume, reflete sobre Augusto e suas teorias, a estudante observa como uma barata é perseguida por sua gata Montaigne. Ao perceber que não tem como fugir, a barata “*avanzó voluntariamente hacia su predador y se postró ante él en señal de reverencia [...] ¿Cómo explicar la fascinante virtud de quién propicia ser devorado?*” (p. 108). O gesto da barata parece análogo ao de Pola. A escritora, ao perceber que não há como fugir do mercado, avança para ser devorada por ele. Oloixarac parece querer dizer assim que a única possibilidade de criticar a sociedade atual seria desde o mercado, porque não haveria um fora em relação a este.

Para terminar, gostaria de fazer uma observação sobre o "selvagem" no romance. A teoria de Van Vliet se baseia na ideia de que ainda hoje estamos determinados pelas experiências de épocas remotas; por exemplo, pela ansiedade e angustia de quando éramos pressas e não predadores. Como para ilustrar esta tese, o romance propõe um paralelo entre experiências de algumas tribos “primitivas” e das sociedades contemporâneas. Assim, o capítulo 5 começa:

Entre las tribus Gahuka-Gana y Gurumbumba, en Papúa, los niños, vestidos de tigres, son llevados a la vera del río rodeados de los cánticos y aullidos de los guerreros. Allí confrontan a un grupo de hombres que se masturban con las piernas dentro del agua y que introducen pedazos de hojas filosas en sus propios orificios nasales hasta sangrar profusamente. Los niños inicia-dos imitan sus gestos para inducirse hemorragias, luego son llevados al centro del bosque, donde permanecen en las cabañas de los guerreros durante un año. Durante ese período tienen contacto escaso con mujeres y se dedican a practicar el sangrado de narices, a vomitar y a tocar la flauta.

Los primeros pasos de Augusto García Roxler en la sociedad de los hombres también fueron singularmente oscuros y sistemáticos (p. 54).

¹⁶ À este respeito veja-se a entrevista com a autora disponível em:

<http://editorialelcuervo.blogspot.com/2009/04/entrevista-pola-oloixarac-sobre-las.html>. Última consulta 5 de setembro de 2012.

Segundo o romance, as teorias de Van Vliet são divergentes das de Freud, mas, na verdade, remetem ironicamente a ele. Em *O mal-estar na civilização*, Freud observava que apesar do estado atual da cultura (em que se consolidou o domínio da natureza) não somos mais felizes do que nossos antepassados. Para Freud, a cultura gera mal-estar porque implica a repressão de desejos e nos faz sentir culpados de ter esses desejos. Aliás, a cultura, surgida de nossos impulsos amorosos, não elimina nossos impulsos de agressão. Segundo Freud, “a questão decisiva da espécie humana é a de saber se, e em que medida, o seu desenvolvimento cultural será bem-sucedido em dominar o obstáculo à convivência representado pelos impulsos humanos de agressão e de autoaniquilação” (p. 184). Apesar do pessimismo de Freud em relação ao êxito de tal empreendimento, para ele a tarefa é irrenunciável. A (aparente) impossibilidade de que atinjamos a felicidade na cultura nos coloca o imperativo ético de um esforço interminável de procurar formas culturais mais satisfatórias. Fica por ver se Pola Oloixarac, nos anos vindouros, consolida-se como uma voz crítica que revela nosso mal-estar na modernidade líquida e nos lembra daquele imperativo ou, pelo contrário, ratifica-se como uma voz ironicamente conformista.

Bibliografia.

AVELAR, Idelber. *Alegorías de la Derrota: la ficción postdictatorial y el trabajo del duelo*. Santiago: Cuarto propio, 2000.

BATISTA, Paulo Nogueira. “O consenso de Washington e a visão neoliberal dos problemas latino-americanos”. Em LIMA SOBRINHO, Barbosa et alli. *Em defesa do interesse nacional: desinformação e alienação do patrimônio público*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANCLINI, Néstor García. “As Culturas Híbridas em Tempos de Globalização”. Introdução à Edição de 2001 de *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2008. pp. XVII-XL.

CANCLINI, Néstor, García. *Culturas Híbridas*. México: Grijalbo, 1990.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1997.

JAMESON, Fredric. “Pos-modernidade e sociedade de consumo”. Em Revista *Novos Estudos* n. 12. São Paulo: Cebrap, 1985.

KOSAK, Claudia. “Técnica y poética. Genealogías teóricas, práctica críticas”. Disponível em <http://ludion.com.ar/articulos.php?tipo=articulo>. Última consulta 5 de setembro de 2012.

OLOIXARAC, Pola. “El capitalismo nerd y la nueva cultura de negocios”. Disponível em <http://melpomenemag.blogspot.com/2008/11/el-capitalismo-nerd-y-la-nueva-cultura.html>. Última consulta 5 de setembro de 2012.

OLOIXARAC, Pola. *Las teorías salvajes*. Barcelona: Alpha Decay, 2010.

PAULS, Alan. "Terrorismo voluptuoso". Disponível em <http://melpomenemag.blogspot.com/2011/05/terrorismo-voluptuoso.html>. Última consulta 5 de setembro de 2012.

ROBINSON, Ken. "Mudando os paradigmas educacionais". Palestra em vídeo. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=EDLp6_5vCM8&feature=related.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

WOLFGANG, Welsch "Estetização e estetização profunda". Em *Porto Alegre*. Porto Alegre, v.6, n.9, p. 7 -22.

ZIZEK, Slavoj. "Contra el goce". Entrevista com José Fernández Vega para a *Revista Ñ*. Disponível em: <http://old.clarin.com/suplementos/cultura/2003/11/29/u-666509.htm>. Última consulta 5 de setembro de 2012.

ZIZEK, Slavoj. "El ambiguo legado del 68". Disponível em: <http://www.13t.org/decondicionamiento/forum/viewtopic.php?t=1088>. Última consulta 5 de setembro de 2012.